



ELEIÇÃO PARA REITORIA

A UFRJ PRECISA DO SEU VOTO

DIRETORIA DA ADUFRJ

A UFRJ realiza nos próximos dias 2, 3 e 4 o primeiro turno da pesquisa para a escolha da nova reitoria. Professores, estudantes e técnicos podem votar nas 42 seções eleitorais espalhadas pelos vários campi.

Se nenhuma das chapas obtiver maioria, haverá segundo turno. O resultado da votação será encaminhado para o Colégio Eleitoral, formado pelos integrantes do Conselho Universitário (Consuni), do Conselho de Ensino de Graduação (CEG), do Conselho de Ensino para Graduados (CEPG) e do Conselho de Curadores. O Colégio Eleitoral encaminhará ao governo federal a lista tríplice.

Caberá ao presidente da República a nomeação dos novos dirigentes da UFRJ, que assumirão um mandato de quatro anos. Quanto maior engajamento da universidade nesse processo, maior será o custo político de uma eventual arbitrariedade.

A diretoria da Adufrj enfatiza a importância do comparecimento de toda a comunidade acadêmica, essencial para legitimar

e fortalecer a autonomia da universidade na atual conjuntura. É fundamental que os eleitos tenham respaldo para enfrentar as adversidades, que são muitas. As restrições orçamentárias para a Educação, Ciência e Tecnologia são gigantescas, a liberdade de cátedra está ameaçada, a reforma da previdência paira sobre o nosso futuro. Maior universidade federal do Brasil, a UFRJ servirá de referência para outras instituições de ensino superior.

Nessa edição especial de oito páginas do **Boletim da Adufrj**, trazemos as propostas de todas as três chapas para os principais desafios da universidade. Os textos foram escritos pelos candidatos. A ordem das respostas segue a das inscrições no processo eleitoral. A Diretoria da Adufrj afirma assim seu papel de produzir informação de qualidade e isenta para subsidiar as decisões dos eleitores.

Conclamamos professores, alunos e técnicos a votar e defender uma UFRJ pública, gratuita e de qualidade.

Boa leitura e bom voto!



QUE UFRJ ESPERA ENCONTRAR ?



CHAPA 20

REITOR: **ROBERTO BARTHOLO**
Coppe

VICE-REITOR: **JOÃO FELIPPE CURY MARINHO MATHIAS**
Instituto de Economia

NÓS TEMOS GRAVES problemas na UFRJ. Existe um nó entre o estrangulamento orçamentário do Brasil que atinge a UFRJ e o anacronismo e a disfunção da gestão da nossa universidade. Estes aspectos se entrelaçam, um agravando o outro. As prioridades adotadas até o presente não foram felizes em lidar com estes problemas, menos ainda em reconhecer esse nó. Essa atitude explica tragédias como o Museu Nacional, explica os pequenos e médios desastres e desastres em cada lugar e em tantos momentos, explica a distância entre o que se anuncia, o que se promete e o que acaba se tendo de fato.

TODOS CONCORDAM que tem-se menos dinheiro do que se precisa. Tem-se mau uso do pouco dinheiro que se tem.

MAS A CHAPA 20 entende que apenas a sua proposta compreende que se tem mesmo é um nó, que não há caminho lidando com cada aspecto em separado, que adianta pouco oferecer solução para uma parte de cada aspecto, para soar otimista e positivo, ao invés de encarar o nó em sua totalidade.

ESSA É A SITUAÇÃO e o rumo para a continuada degradação da nossa infraestrutura, do empobrecimento de nossas atividades, do desestímulo a se empenhar que atinge a todos nós, docentes, técnicos, administradores e estudantes. Por erros de prioridade na situação atual ou nas propostas para a reitoria sentimos ainda o quanto de nosso tempo e energia são gastos com coisas que não deveriam ser prioridade ou mesmo ter lugar em nossas vidas. Tantas coisas faltam, tantas coisas subtraem o que deveria ser disponível e articulado para a busca e a realização das coisas que valem a pena. Foi talvez inevitável que nessa situação se tenha, por vezes, a manipulação de apetites ou de medos para obter vantagem ou influência – para depois deixar de lado a quem se iludiu.

TEMOS QUE LIDAR com isso, buscar desatar o nó em termos de recursos, em termos de gestão, em termos de prioridades. Em termos de recursos, há que se ter claro que não há perspectiva de um aumento substancial de recursos orçamentários. Em termos de gestão, há coisas que precisam ser reconhecidas e mudadas – o anacronismo e a disfunção em processos, padrões e modelos de gestão de tantos aspectos da vida universitária da UFRJ. Em termos de prioridades, não é possível imaginar solução quando se oferece e promete ou bem continuidade como se ela fosse boa, ou bem possível prioridade para todos os lugares em que se passa para obter apoio.

É ASSIM QUE A CHAPA 20 avalia a situação da UFRJ.



CHAPA 10

REITORA: **DENISE PIRES DE CARVALHO**
Instituto de Biofísica

VICE-REITOR: **CARLOS FREDERICO LEÃO ROCHA**
Instituto de Economia

A UFRJ ESTÁ EM CRISE. É uma das maiores e melhores universidades do Brasil e da América Latina. O arcabouço acadêmico tem sido muito pouco afetado pois houve reposição dos quadros de docentes e técnicos nos últimos anos. No entanto, as gestões acadêmica e administrativa da universidade não têm sustentado os avanços necessários para garantir o seu protagonismo. As equipes que têm ocupado a administração central não têm sido capazes de implementar políticas inovadoras e de vanguarda. Portanto, a UFRJ da atualidade encontra-se defasada e precisa reencontrar o rumo da excelência acadêmica.

FUNDAMENTALMENTE, temos uma universidade incapaz de se discutir. Os Conselhos Superiores estão esvaziados. Deixaram de tratar as pautas relevantes. A universidade carece de institucionalização, transparência e democracia, na medida em que não são discutidos os temas relevantes que a devem guiar.

SOB O PONTO DE VISTA ORÇAMENTÁRIO, a universidade está quase quebrada. Receberemos uma universidade com pagamentos atrasados que ultrapassam 50% de seu orçamento. Para resolver essas questões, é necessário redimensionar o orçamento, renegociar dívidas e encontrar alternativas que permitam um aumento de sua arrecadação.

AS TAXAS DE EVASÃO cresceram e a permanência estudantil está comprometida. Devemos elaborar um diagnóstico sobre o desempenho dos cursos de graduação e reestruturar as políticas de permanência estudantil visando ao aumento no número de concluintes.

A INFRAESTRUTURA PREDIAL está deteriorada afetando as condições de trabalho e a permanência estudantil em nossas instalações, o que claramente tem efeito sobre o nosso desempenho acadêmico. As obras inacabadas e a infraestrutura predial precária devem ser o foco de atuação da futura reitoria.

PARA QUE AS ATIVIDADES de ensino, extensão, pesquisa, inovação e internacionalização possam ocorrer com qualidade, é preciso modernizar a UFRJ. Novos sistemas de informação devem ser colocados em prática, além de mecanismos que permitam melhorar a comunicação e a infraestrutura acadêmicas. A UFRJ tem excelentes estudantes, técnicos e docentes. No entanto, eles não têm desenvolvido as suas atividades na plenitude, por falta de capacidade na administração central.

UMA SENSAÇÃO PRESENTE na UFRJ neste momento é a insegurança quanto às instalações, à violência urbana, à capacidade de realização de atividades. É esse o sentimento que queremos mudar.



CHAPA 40

REITOR: **OSCAR ROSA MATTOS**
Coppe

VICE-REITORA: **MARIA FERNANDA QUINTELA**
Instituto de Biologia

A UFRJ DE HOJE é melhor que a do passado. É melhor porque mantém sua qualidade com mais democracia. Não apenas segue em boa posição entre as melhores universidades da América Latina – segundo aferição da Capes, em rankings (insuficientes) como o Times Higher Education, o Ranking Universitário da Folha e o Academic Ranking of World Universities (Xangai) –; como foi capaz de avançar na produção científica mundial em áreas estratégicas (arbovíroses, neurociência, biotecnologia molecular, petróleo e gás, entre outras). A democracia vitaliza nossa universidade. Prova disso é que, apenas no período Vilhena, um reitor que não foi escolhido pela comunidade, com sua suposta política de excelência, os índices de produção científica e a qualidade dos programas de pós-graduação afundaram.

NOSSA UNIVERSIDADE MELHOROU justamente quando ocorreu profunda mudança no perfil socioeconômico de seus estudantes. Melhorou porque atende melhor aos interesses da sociedade, apesar das imensas dificuldades que enfrenta. Neste período, a UFRJ criou uma Pró-Reitoria específica para as políticas estudantis, a PR7. Constituiu o seu Complexo de Formação de Professores. Estabeleceu política de qualificação de seus servidores (PQI). Os técnico-administrativos estão mais valorizados, compondo cerca de metade dos cargos da alta administração da instituição. As unidades hospitalares e os institutos especializados estão em franca melhoria. Mais recentemente, a universidade iniciou a democratização da pós-graduação. Esses processos a fizeram melhor.

A DESPEITO DISSO TUDO, a universidade sofreu um estrangulamento orçamentário inédito. Em valores constantes, a universidade perdeu R\$ 200 milhões ao ano em relação ao orçamento de 2014 a 2016. A pesquisa vem tendo perdas com a crise orçamentária no MCTIC (CNPq, Finep) e na Faperj, agora em retomada. A infraestrutura está exaurida em diversas áreas. Muitos servidores estão apreensivos justamente com a reconfiguração da Previdência. Os desafios não são pequenos.

E HÁ MUITO O QUE FAZER. Institucionalizar o campus Macaé e concluir a transferência de Xerém para o campus de Santa Cruz da Serra. Prosseguir e ampliar os esforços de busca de recursos para a reconfiguração do Museu Nacional, juntamente com sua extraordinária equipe. Institucionalizar o Conselho da Extensão, que já é parte do percurso formativo de nossos estudantes. Apoiar a consolidação do novo ramo da biotecnologia do Parque Tecnológico, o qual é referência em todo país. Nós, da chapa 40, enfrentaremos as dificuldades lutando pela qualidade com mais democracia!

QUE UFRJ ESPERA DEIXAR ?



CHAPA 20

REITOR: **ROBERTO BARTHOLO**
Coppe

VICE-REITOR: **JOÃO FELIPPE CURY MARINHO MATHIAS**
Instituto de Economia

UMA UFRJ SAUDÁVEL, uma UFRJ alegre, uma UFRJ querida: uma UFRJ Minerva 2.0.

UMA UFRJ EM QUE SE ADOTOU uma perspectiva de pragmatismo visionário. Em que se reconheceu a necessidade de dar conta do nó do estrangulamento orçamentário e das disfunções e anacronismos de gestão e em que se levou adiante uma prioridade suprema e constante na atividade universitária: os cursos de graduação.

EM QUE SE TROUXE o gerenciamento de riscos para o centro das políticas acadêmicas e universitárias. Em que se trouxe a gestão da universidade ao estado da arte do século 21 pela incorporação das novas tecnologias de informação e comunicação na gestão. Em que se libertou a universidade para que pudesse ir à sociedade em busca de relacionamentos com organizações extrauniversitárias em colaborações, parcerias e contratos que avançassem os recursos extraorçamentários de que necessitamos.

EM QUE SE DESATOU O NÓ por inovações institucionais pelas quais o funcionamento da universidade ficou mais fácil tendo aliviado a carga de atividades meio em prol de atividades fins mais vibrantes e fecundas. Em que se experimentaram e se seguiu abrindo novas formas de relacionamento com a sociedade e com o mundo, enriquecendo a passagem universitária, alargando oportunidades de ensino-aprendizado e de intervenção, trazendo recursos extraorçamentários capazes de sustentar a universidade que desejamos.

EM QUE, AO DESATAR O NÓ e se perseguir a prioridade dos cursos de graduação de mais alta qualidade, que todos, dentro e fora da universidade, tenham visto, sentido, sabido, apreciado e se sentido chamados ao empenho de fazer florescer e seguir fazer florescendo as pequenas coisas. Que as coisas cotidianas tenham passado a ser feitas a contento, com segurança, com saúde, com desfrute, e sim, com alegria.

É JUSTAMENTE NESSE SENTIDO que afirmamos o nome de nossa chapa Minerva 2.0. Minerva, fonte originária de nossa identidade como universidade, referência a uma tradição, uma herança, a um legado que estamos comprometidos a zelar e desdobrar suas repercussões no tempo. 2.0, o reconhecer a necessidade de que, para estarmos à altura desse compromisso, necessitamos atualizá-lo, necessitamos fazer da Minerva contemporânea, formando cidadãos livres e competentes. Ofertando a todos aqueles que venham a passar pela Universidade Federal do Rio de Janeiro condições para percursos formativos mais abertos nas relações mais diversificadas, fecundas, provocantes e amplas com o mundo do século 21.



CHAPA 10

REITORA: **DENISE PIRES DE CARVALHO**
Instituto de Biofísica

VICE-REITOR: **CARLOS FREDERICO LEÃO ROCHA**
Instituto de Economia

DEVEMOS RESGATAR o orgulho de ser UFRJ. Nosso objetivo é colocar de volta a Universidade no caminho da excelência acadêmica, da criação e da formação de pessoas com qualidade. Queremos entregar uma universidade que possa se discutir e liderar processos.

PARA ISSO, OS CONSELHOS superiores pautarão as questões relevantes, dentre as quais aquelas relacionadas às mudanças estatutárias para a necessária institucionalização e regulamentação dos novos campi e dos complexos hospitalar e de formação de professores. Proporemos a criação de novos conselhos superiores de Extensão, de Administração e de Gestão de Pessoas. Instalaremos a comissão temporária de alocação de vagas de servidores técnico-administrativos após o seu dimensionamento. Os concursos para funcionários serão descentralizados, como acontece com os concursos docentes.

NO ÂMBITO DO ENSINO, teremos uma universidade com menor evasão e esperamos superar as questões de permanência com ações efetivas de política estudantil. Isso está associado à ampliação dessas políticas para atuação também nas frentes acadêmicas e de convivência. Nosso programa contém uma série de ações como a criação de núcleos de assistência psicológica, criação de superintendência estudantil de desportos. No entanto, mais importante, devemos ser capazes de discutir formas de ensino alternativas com maior engajamento de pessoas. Na pós-graduação, a universidade terá maior interação entre seus programas e procuraremos elevar a sua qualificação. Uma iniciativa bastante interessante é a criação de programas de pós-graduação do tipo "casalinhos internos", que promoverão a atuação de orientadores de programas 6 e 7 nos programas avaliados como 3, 4 e 5 pela Capes.

COM RELAÇÃO À PESQUISA, nossa primeira ação será a discussão e a normatização do Marco Legal da Ciência e Tecnologia, além da aprovação de uma Política de Inovação. Pretendemos aumentar a capacidade de criação da universidade, tanto no âmbito científico, quanto no cultural. Isso também passará por promover maior segurança jurídica e mais uma iniciativa de institucionalização relacionada à atuação de nossas fundações de apoio.

A UFRJ TEM UM CONJUNTO de prédios históricos importantes. Em geral, seu estado de conservação está aquém do desejado. Implantar formas de financiamento para a manutenção desses edifícios é um desafio que pretendemos superar. Isso significa que devemos entregar uma universidade que encontra soluções alternativas.

FUNDAMENTALMENTE, queremos entregar uma universidade mais segura e acolhedora, uma universidade capaz de interagir com a sociedade e que se apresente sob os preceitos democráticos, de transparência e de excelência acadêmica que a devem caracterizar. A UFRJ vai ser diferente.



CHAPA 40

REITOR: **OSCAR ROSA MATTOS**
Coppe

VICE-REITORA: **MARIA FERNANDA QUINTELA**
Instituto de Biologia

AO FINAL DO MANDATO, pretendemos fazer um balanço comprovando que a excelência seguiu avançando com a universidade democratizada e que os jovens de diversas origens possam se sentir felizes na UFRJ. E que todas e todos estudantes possam concluir seus cursos com amor à ciência, à cultura, à tecnologia e à arte. Com a melhoria das condições de trabalho de nossa comunidade, lutaremos para reduzir fortemente a evasão, tornando possível o sonho dos jovens. Trabalharemos para que o Projeto de Valorização do Patrimônio do BNDES esteja dando seus primeiros frutos, por meio de um inspirador Espaço Cultural da UFRJ, novas moradias estudantis, restaurantes em todos os campi e no Centro, que todos que encontram-se na Praia Vermelha e nas unidades do Centro estejam em condições dignas, da reforma estrutural do CCS e dos novos laboratórios multiusuários. Lutaremos para que o Complexo Hospitalar esteja plenamente concluído e que o mesmo tenha entrado na pauta do Orçamento da União.

ESTAREMOS JUNTO COM AS LUTAS democráticas em prol da mudança nas prioridades do orçamento da União, educação, saúde, direitos humanos fundamentais, direitos sociais universais. Nessas lutas, junto com a Andifes, os coletivos estudantis e os movimentos docente e de servidores técnico-administrativos, pretendemos assegurar a recomposição do orçamento das universidades federais aos valores corrigidos da LOA (2014-2016) e a ampliação da verba do PNAES, transformado em lei. E que as receitas próprias tenham liberação orçamentária imediata.

LUTAREMOS PARA QUE O MEC estabeleça um montante orçamentário para custear as obras interrompidas, um compromisso há anos postergado. Lutaremos para entregar à futura gestão uma UFRJ sem obras interrompidas e com o agendamento da data de inauguração de todo complexo do Museu Nacional, prédio central, anexos e acervos e nos emocionarmos com a festa no país, em que milhares de pessoas estarão se dirigindo para celebrar a sua reconstrução. E que todas as edificações (e campi) estejam em condições de plena segurança, aferida de modo técnico.

PRETENDEMOS AVANÇAR NA DIVERSIFICAÇÃO das áreas de atuação do Parque Tecnológico, incluindo a cultura. Muitas de nossas metas dependem, como é perceptível, das lutas democráticas em nosso país. Essa é nossa perspectiva: a universidade somente será melhor em um país melhor, em que o conhecimento, em todas as suas dimensões, seja compreendido como parte de um processo civilizatório e democrático.

▶ ORÇAMENTO E GESTÃO E SEGURANÇA

ELISA MONTEIRO E SILVANA SÁ

comunica@adufRJ.org.br

A UFRJ voltou às aulas em plena campanha para reitor, com uma maratona de reuniões e plenárias das três chapas inscritas para a pesquisa eleitoral. Na largada, os candidatos comentaram a impossibilidade de construção de uma chapa única depois dos debates da Frente Democrática pela UFRJ, lançada em dezembro. Para a professora Denise Pires de Carvalho, da chapa 10, “faltou tempo”. “O processo implicava

apresentação de nomes, discussão. Estivemos reunidos até o último dia da inscrição de chapas, mas a chapa apresentada pela atual gestão foi de continuidade, não de composição com a oposição. Não pode haver unidade se a chapa é de continuidade. Somos oposição”. A docente, no entanto, avalia como positivo o trabalho da Frente.

Oscar Rosa Mattos e Maria Fernanda, da chapa 40, rejeitam o rótulo de continuísmo, mas reivindicam o que consideram acertos da gestão atual. Em relação à Frente, fazem um balanço positivo. “Garantiu princípios e um programa básico para uma universidade pública, gratuita e de excelência num

momento difícil”, diz Maria Fernanda.

Roberto Bartholo, da chapa 20, defende a universidade como “um universo diverso” e justifica a ausência na Frente. “Não consigo entender que possa ser melhor para a universidade só ter uma chapa concorrendo”, diz. Bartholo negou a intenção de impugnar o processo eleitoral via Ministério Público: “Não sei da cabeça de quem saiu isso. Posso dizer é que não foi da minha”. “A partir do momento em que conheci as regras do jogo, aceitei jogar”. Conheça as propostas dos candidatos sobre segurança, orçamento e gestão.



CHAPA 20

REITOR: **ROBERTO BARTHOLO**
Coppe

VICE-REITOR: **JOÃO FELIPE CURY MARINHO MATHIAS**
Instituto de Economia



CHAPA 10

REITORA: **DENISE PIRES DE CARVALHO**
Instituto de Biofísica

VICE-REITOR: **CARLOS FREDERICO LEÃO ROCHA**
Instituto de Economia



CHAPA 40

REITOR: **OSCAR ROSA MATTOS**
Coppe

VICE-REITORA: **MARIA FERNANDA QUINTELA**
Instituto de Biologia

ORÇAMENTO E GESTÃO

BARTHOLO: O momento é delicado. É um momento de estrangulamentos, principalmente orçamentário. Há um entrelaçamento desse estrangulamento orçamentário com a necessidade de inovações no âmbito da gestão. A universidade que desejamos não está cabendo no orçamento de que dispomos. Precisamos exercer a autonomia universitária com criatividade para termos condições de confrontar e superar os desafios. Todos os esforços para ampliação do orçamento precisam ser feitos, mas não parece razoável apostar todas as fichas sobre o futuro nisso. Não vejo por que dizer que captação de recursos seria algo indesejável. O que é preciso é estabelecer mecanismos regulatórios para acesso e aplicação. Fundações são práticas consolidadas.

Gestão universitária é uma questão chave. Precisamos encontrar meios e modos de pensar com a própria cabeça e agir com as próprias mãos. Mais que isso, como expressa o nome da chapa Minerva_2.0, fundir modernidade e tradição na proposta de um futuro desejável para a UFRJ. Daí, o 2.0 em cima da Minerva.

Desburocratizar processos administrativos é a ponta de um iceberg. Nossa visão é superar anacronismos na gestão universitária, de modo que possamos encontrar inovações. Isso implica mais que adotar procedimentos digitalizados. Implica que possamos encontrar meios e modos para inovações institucionais. Queremos aprender com elementos do passado que possam ser inspiradores para propostas para o futuro, como o Parque Tecnológico. Não no sentido de imitá-lo, mas de aprender com essa formulação que pode ser estendida para novos campos: um Parque Artístico, um Parque Cultural, um Parque Esportivo. Campos e áreas que permitam não novos cursos dentro da universidade. O acordo entre a UFRJ e o BNDES foi bem-vindo. Tardio, mas positivo.

SEGURANÇA

BARTHOLO: A precarização das condições de vida não afeta somente a universidade. Afeta a sociedade, as cidades onde a universidade está inserida. Uma questão que precisaremos olhar com bastante cuidado é a segurança. A vida nos campi precisa estar apoiada em recursos tecnológicos que tragam mais segurança. Isso não significa colocar mais e mais instâncias de repressão — muitas vezes as pessoas identificam a segurança com a questão da ativação de meios mais poderosos de repressão... O que a gente pode e deve é ter condição de dar conta de novos sistemas de controle, de vigilância, inclusive com novos recursos tecnológicos disponíveis.

ORÇAMENTO E GESTÃO

DENISE: Nós nos candidatamos porque acreditamos que a UFRJ precisa retomar um caminho que foi abandonado ao longo do tempo. O caminho da melhor gestão do orçamento e de um olhar mais crítico e moderno sobre a graduação. O momento impõe grandes desafios: temos a vigência da PEC do teto de gastos, os cortes orçamentários, uma universidade com problemas de gestão. Queremos que todos os projetos sejam discutidos com a comunidade acadêmica. Seremos a reitoria do diálogo.

CARLOS FREDERICO: Desde 2014 a UFRJ vem sofrendo queda nos recursos de custeio e investimento. Em 2014, a universidade sofreu contingenciamento de R\$ 70 milhões. Isto pegou a administração de surpresa, pois os valores tinham sido empenhados, ou seja, os recursos haviam sido gastos e não houve o pagamento. Mas, de 2015 em diante, não houve mais surpresas.

Tínhamos que ter feito ajustes em 2015, em 2016, em 2017. Nesse período todo, os recursos foram caindo. Em 2019, teremos o menor valor nominal de todo o período. É inegável que houve cortes substantivos de recursos, mas a estratégia para lidar com eles foi equivocada. Foi um erro trabalhar com orçamento deficitário. Em 2015 e 2016, apesar dos cortes, o valor de custeio e investimento per capita estavam muito superiores à média histórica da UFRJ. O acúmulo de dívidas se deve à demora para efetuar o ajuste nas contas da universidade. Não há planejamento no equacionamento de dívidas.

A gente tem uma dívida de mais de R\$ 170 milhões e os recursos de custeio e investimento são de R\$ 360 milhões. Resolver os problemas passa por receber recursos públicos. Podemos melhor administrar os recursos e complementá-los com a iniciativa privada. Estaremos abertos a parcerias. Vamos manter a centralização das emendas, iniciada na gestão Leher, porque é importante captar recursos. O edital do BNDES é outra linha, mas podemos fazer muito mais.

SEGURANÇA

DENISE: Vejo com ressalva o projeto Fundão Presente, pelo risco de tiroteios no campus. A nossa proposta é controlar alguns acessos e contar com a polícia nas áreas em que não for possível esse controle. Além do Fundão, temos preocupação especial com o Largo de São Francisco e com a Faculdade Nacional de Direito. **CARLOS FREDERICO:** Segurança não se resume a vigilância. Envolve fluxo de pessoas, iluminação. É não ter medo que os alunos sofram o que os meninos do Flamengo sofreram; é ter plano eficaz de prevenção e combate a incêndio. Isto tem sido pouco considerado na UFRJ, talvez por falta de leitura do Plano Diretor.

ORÇAMENTO E GESTÃO

OSCAR: O orçamento vem caindo ano a ano. Hoje temos que conviver com algo próximo ao valor de 2011, com toda mudança que houve na universidade. Educação e saúde são investimento, não gasto. Gasto é o que consome 50% do orçamento da União, a dívida pública. Países que auditaram as dívidas conseguiram investir mais em saúde e a educação.

É o caso do Peru. Existe o fato concreto de um orçamento no patamar de 2011. E existe a dívida da universidade, não paga e deixada para o ano seguinte. Toda reitoria faz. A atual reitoria reduziu a diferença. Está sendo levado, para 2019, R\$ 100 milhões, muito menos que nos anos anteriores.

Temos que ter mais capacidade de gerar recursos novos, e o projeto BNDES é uma possibilidade. Mas temos o problema do governo federal gastando de forma que não gostaríamos. Solução para isso ninguém tem ainda.

A universidade que defendemos é pública, gratuita e qualidade. Em relação aos cursos stricto sensu, não há o que negociar: não se pode cobrar. Entrei com ação no Ministério Público contra a Capes por cobrança em cursos de mestrado profissional e ganhei. A Capes teve que reconhecer o mestrado profissional como stricto sensu.

Em relação às Fundações, tenho experiência razoável com a Coppetec. Ela foi criada por professores da Coppe, com critérios como a Dedicção Exclusiva. Vejo as fundações de forma parecida com a Coppetec, isto é, devem contribuir com a universidade. As Fundações servem para processos administrativos mais leves.

MARIA FERNANDA: Estamos comprometidos com a Matriz Andifes, mas é preciso discutir indicadores de orçamento. A universidade tem questões relacionadas ao patrimônio que fazem com que o orçamento precise evoluir. É importante reforçar a relação com outros Ministérios, como Saúde e Meio Ambiente. Outro ponto é o orçamento participativo, em discussão há 12 anos, que aproxima a reitoria da base.

SEGURANÇA

OSCAR: Segurança é uma situação social complicada do país, particularmente do Rio de Janeiro. Não quer dizer que temos que nos acostumar à violência. Segurança tem que passar por melhor policiamento dos campi, com pessoas trabalhando para isso. Não abandonaremos o projeto de segurança feito pela reitoria. Conheci o projeto e o classificaria como muito bom. São necessários R\$ 170 mil por mês para implantá-lo. Está mais ou menos equacionado com a Prefeitura, o Estado e os habitantes do campus. Não tem como esse recurso sair do orçamento da universidade. Deve vir de fontes externas. Podemos melhorar, mas não começar do zero.



INFRAESTRUTURA

ELISA MONTEIRO, SILVANA SÁ e ANA PAULA GRABOIS

comunica@adufrrj.org.br

Obras e infraestrutura são dois dos temas que mais preocupam a comunidade acadêmica. Em Caxias, a falta de um sistema elétrico adequado provocou atrasos no início do ano letivo. Prédios inacabados fazem parte da paisagem do campus da Cidade Universitária. Segundo a Reitoria, de todos os edifícios em construção, apenas o Instituto de

Física deve ser concluído até o fim deste ano. Incêndios de grandes proporções também atingiram o prédio da reitoria e o Museu Nacional, recentemente. Edificações tombadas são de difícil manutenção. A recuperação destas e outras instalações representa um desafio para a futura administração.

Para Roberto Bartholo, candidato a reitor pela chapa 20, as obras paralisadas devem ser avaliadas “caso a caso” sob o aspecto “técnico, econômico e jurídico”. O docente critica o uso indiscriminado de contêineres. “As pessoas estão traumatizadas após a tragédia no Flamengo. É precário”.

Para Carlos Frederico Leão Rocha, candidato a vice-reitor da chapa 10, a prioridade é recuperar o prédio da Arquitetura e da Belas Artes e o Museu Nacional, que classifica como “um projeto de uma nação”. Ele também é contra o uso de contêineres. “A UFRJ não será uma universidade de lata”.

Oscar Rosa Mattos, candidato a reitor da chapa 40, diz que a meta é investir na conclusão das obras, seguir com as reformas estruturais, ampliar instalações e reabrir o debate sobre o Plano Diretor. “A situação mais complexa, dada sua extensão, é a do CCS. Ali são necessárias mudanças estruturais e profundas.”



CHAPA 20

REITOR: **ROBERTO BARTHOLO**
Coppe

VICE-REITOR: **JOÃO FELIPE CURY MARINHO MATHIAS**
Instituto de Economia

O que fará com as obras paralisadas de novos prédios, como os da Física, da Matemática, do Complexo do CCJE e Residência Estudantil ao lado do CCMN?

É necessário avaliar caso a caso do ponto de vista técnico, econômico e jurídico. Algumas estruturas estão deterioradas. É necessário ter laudos de cada situação. Só é responsável da nossa parte propor soluções tendo os laudos.

Como recuperar os prédios em situação precária, como o da Reitoria e do CCS?

Temos dois problemas entrelaçados: gestão e orçamento. É preciso desatar esse nó. Para isso existem tecnologias como BIM, normas técnicas para gestão de ativos e dispomos de profissionais qualificados. Podemos superar procedimentos e tecnologias ultrapassadas para manutenção da infraestrutura em geral. E não basta apenas pleitear um orçamento maior. É preciso fazer o nosso dever de casa e melhorar a qualidade da gestão.

Em relação aos prédios históricos, qual será a estratégia?

Os prédios históricos são parte da nossa herança histórico-cultural e abrigam nossas unidades. Nossos problemas de gestão e orçamento são tão graves que estamos perdendo nas duas frentes. A gestão predial precisa ser profissionalizada. Mas isso não basta: o patrimônio histórico está sendo perdido, e não é só o Museu Nacional, a Capela e a Reitoria, que geraram justa comoção. Museus e bibliotecas de obras raras também estão sob risco, esquecidos e abandonados. Queremos integrar esse patrimônio histórico e cultural, material e imaterial, no circuito da vida cultural. É necessário estabelecer parcerias extra-universitárias, com valorização e visitação da população.

A UFRJ investiu nos últimos anos em módulos de contêineres. Pretende seguir essa política?

Os módulos na PV viraram um “provisório permanente”. Hoje as pessoas estão traumatizadas após a tragédia dos contêineres do Flamengo. É evidentemente precário e indesejável manter essa estrutura para abrigar atividades universitárias. Mais ainda se estão ao lado de salas de aula com ar-condicionado fechadas e vazias. Criar novos espaços pode depender de orçamento, mas gerir melhor os espaços existentes depende de nós mesmos, de nossa capacidade de gestão.

Quais os planos para o crônico problema de telefonia e de redes da universidade?

Respondo com dois exemplos. O primeiro: o projeto fone@RNP foi criado pelo IM junto com o NCE. Ele tem gerado para um amplo conjunto de instituições econômicas de, em média, 28% na conta de telefone. Mas a UFRJ não o utiliza. O segundo: hoje temos grupos que precisam gerenciar sua própria rede WiFi. E todos os demais não podem usá-las. Podemos utilizar uma rede geral como a Eduroam para resolver esse problema.



CHAPA 10

REITORA: **DENISE PIRES DE CARVALHO**
Instituto de Biofísica

VICE-REITOR: **CARLOS FREDERICO LEÃO ROCHA**
Instituto de Economia

O que fará com as obras paralisadas de novos prédios, como os da Física, da Matemática, do Complexo do CCJE e Residência Estudantil ao lado do CCMN?

A situação é bastante heterogênea. O prédio da Física necessita de intervenções pontuais e pode ser entregue logo, se priorizado. A Residência Estudantil é uma obra grande, precisa de importantes revisões técnicas e pode, inclusive, estar comprometida tecnicamente. Vamos priorizar reformar o alojamento estudantil já existente. Sempre priorizaremos os casos de conclusão mais próxima.

Como recuperar os prédios em situação precária, como o da Reitoria e do CCS?

O prédio da FAU e da EBA é prioridade absoluta. Há questões emergenciais, como o cabeamento elétrico e que poderão ser atendidas com o orçamento de investimento da universidade. Nossa preocupação é disponibilizar um ambiente seguro. O CCS também é um caso grave. As últimas chuvas revelaram abandono pela atual Reitoria e pela Decania. É necessário limpar as galerias do CCS, iniciativa de custo baixo, mas não realizada nas últimas gestões.

Em relação aos prédios históricos, qual será a estratégia?

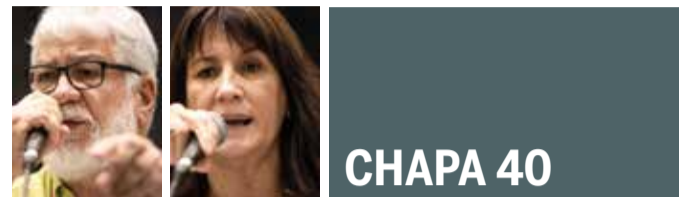
Em primeiro lugar, é necessário recuperar o Museu Nacional, dar segurança e manter o esforço de obtenção de recursos feito pela atual Direção e Reitoria. Trata-se do projeto de uma nação. Outros prédios históricos precisam de manutenção, como o Palácio Universitário, a FND e o IFCS. O Palácio necessita de cabeamento, refrigeração e brigada de incêndio. Isso sem falar na acessibilidade. A UFRJ não tem dado relevância à acessibilidade. Em todo o Palácio, há apenas uma rampa. Um cadeirante pode ter de percorrer quase 1km até chegar a seu destino. Os elevadores não possibilitam cadeira de rodas. São muitos problemas. Nossa prioridade será sempre a segurança e boas condições de trabalho.

A UFRJ investiu nos últimos anos em módulos de contêineres. Pretende seguir essa política?

Somos contra a política de módulos. Ela é fruto de uma gestão sem planejamento. A sua substituição imediata não será possível dada a escassez de recursos, mas não pretendemos realizar novos investimentos em módulos. A UFRJ não será uma universidade de lata.

Quais os planos para o crônico problema de telefonia e de redes da universidade?

É fundamental melhorar a gestão da universidade em diferentes frentes e a TIC é uma delas. Recentemente, a COPPE tomou a iniciativa de implantar o Eduroam em suas dependências e a estenderemos a todas as unidades da UFRJ. Isso não resolve os problemas de telefonia, mas auxilia bastante na resolução em alguns dos problemas de comunicação. É necessário realizar investimentos que permitam a cobertura de rede de wifi em todas as nossas dependências. Precisamos também de um portal mais robusto e que reúna informações de toda a universidade com transparência e qualidade.



CHAPA 40

REITOR: **OSCAR ROSA MATTOS**
Coppe

VICE-REITORA: **MARIA FERNANDA QUINTELA**
Instituto de Biologia

O que fará com as obras paralisadas de novos prédios, como os da Física, da Matemática, do Complexo do CCJE e Residência Estudantil ao lado do CCMN?

O prédio da Física foi iniciado com recursos da Finep e as obras estão hoje praticamente concluídas. Na Matemática, o orçamento de 2019 prevê recursos para atualizar o projeto executivo da conclusão da edificação. O Complexo do CCJE também está entre as prioridades de contrapartida do projeto do BNDES. No caso da Residência Estudantil, trata-se de projeto de padrão bastante elevado, que envolve soma muito significativa de recursos. Em virtude da estagnação dos recursos orçamentários para capital em 2019, esta edificação poderá ser concluída com a entrada em vigência do Projeto BNDES.

Como recuperar os prédios em situação precária, como o da Reitoria e do CCS?

A situação mais complexa e de maior amplitude é a do CCS. É necessário deslocar todos os laboratórios que exigem níveis de segurança mais elevados, por trabalharem com microrganismos ou insumos perigosos, por exemplo. O projeto do BNDES prevê como uma de suas contrapartidas a construção desses laboratórios. No caso do prédio da Reitoria, está em curso um programa de melhorias de infraestrutura, sobretudo na área de energia e o reforço do oitavo andar, atingido pelo incêndio.

Em relação aos prédios históricos, qual será a estratégia?

Nossa agenda básica para enfrentar o problema segue quatro frentes: (1) seguir atuando via ANDIFES e parlamento federal por uma linha no orçamento da União que preveja recursos compatíveis para reforma e manutenção de edificações tombadas; (2) destinar recursos orçamentários próprios; (3) buscar emendas parlamentares junto à bancada federal do Rio de Janeiro; (4) captar recursos por meio de leis de incentivo. Isso não significa descartar outras iniciativas que devem ser estudadas, como, futuramente, os fundos patrimoniais.

A UFRJ investiu nos últimos anos em módulos de contêineres. Pretende seguir essa política?

A construção modular torna-se uma alternativa realista em um contexto em que inexistem recursos de capital factíveis para resolver gargalos emergenciais para soluções de curto prazo. A meta estratégica será investir na conclusão das obras em curso, seguir com as reformas estruturais, ampliar emergencialmente instalações e reabrir o debate sobre o Plano Diretor.

Quais os planos para o crônico problema de telefonia e de redes da universidade?

A infraestrutura de comunicação da UFRJ está aquém das suas necessidades. Existem fragilidades que decorrem da RedeRio. É necessário fortalecer espaços de armazenamentos de informações e de backup de modo mais seguro. Além disso, seguir ampliando rede wireless também é importante, assim como viabilizar a integração dos sistemas já existentes.

QUESTÃO DA DIRETORIA: EM RELAÇÃO À FALTA DE SALAS PARA OS DOCENTES. COMO PRETENDEM TRATAR DO TEMA?

Somos uma universidade multicampi e muito diversa. Macaé, Caxias, Fundão, Praia Vermelha e Centro são realidades diferentes. A distribuição de atividades pelo espaço físico é atribuição das unidades. Mas testemunhar as condições das salas em Macaé, em Caxias, da EBA e da FAU é motivo de tristeza. Propomos criar um sistema parecido com o da COTAV para estabelecer prioridades para implantação e recuperação de infraestrutura e alocação de pessoal técnico-administrativo.

A UFRJ talvez tenha sido a universidade que pior utilizou os recursos do Reuni. Precisamos ter cuidado, com planejamento e priorização, para não mais desperdiçar recursos. Precisamos elencar prioridades e elaborar os projetos executivos mais importantes para que, quando surjam os recursos, possamos fazer os investimentos necessários. A expansão dependerá de mudanças de condições na captação de recursos próprios e na ação governamental quanto às universidades.

As condições de trabalho dos docentes está relacionada aos prédios com atividades interrompidas, à recuperação da infraestrutura das edificações e à expansão da UFRJ. É preciso concluir algumas estruturas, como o Novo ICB Fronteiras. São medidas concretas que resultam em melhores condições de trabalho. Pode ser necessário recorrer a estruturas modulares. A pressão para a melhoria das instalações por parte da comunidade é muito bem vinda pois é um gesto de apreço à dedicação exclusiva.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

ANA PAULA GRABOIS E SILVANA SÁ

comunica@adufjrj.org.br

O Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF), maior unidade de saúde da UFRJ, vive um quadro caótico. A estrutura gigante, com 110 mil metros quadrados, torna difícil e cara a sua manutenção. Professores, técnicos e estudantes enfrentam quase diariamente problemas como



CHAPA 20

REITOR: **ROBERTO BARTHOLO**
Coppe

VICE-REITOR: **JOÃO FELIPPE CURY MARINHO MATHIAS**
Instituto de Economia

1. O Clementino Fraga Filho tinha 428 leitos em 2008; hoje, tem 280. Como avalia essa queda e o que vai fazer para ampliar o número?

Essa queda expressiva do volume de leitos no HUCFF é grave. A demolição da "perna seca" do HU influenciou esse número. Essa queda prejudica as atividades acadêmicas e, ao mesmo tempo, representa uma piora na qualidade do serviço público prestado à sociedade. A primeira coisa a se fazer é estabelecer um diálogo com as unidades acadêmicas para definir quais são as necessidades mínimas, básicas, para ensino. Já há uma base de cálculo, algo em torno de 350 leitos, para poder atender às necessidades. Mas é necessário aprofundar esses cálculos e estabelecer uma meta factível dentro dos recursos disponíveis para podermos reabrir esses leitos com qualidade de atendimento e capacidade de sustentá-la financeiramente no tempo.

2. Diante do reduzido número de leitos, como aperfeiçoar a formação acadêmica no hospital?

Muito, mas nem tudo, depende de mais orçamento. Há uma iniciativa de egressos chamada "Amigos do Hospital do Fundão". Fundos patrimoniais podem doar dinheiro, mas também tempo de egressos para participar da formação dos atuais estudantes no hospital. As péssimas condições de trabalho e estudo no hospital prejudicam a formação e é preciso mais verba. O ponto a ser considerado é como fazer mais com o pouco que temos. O envolvimento dos egressos nos percursos formativos são um caminho poderoso para isso. A modernização pedagógica é outro caminho.

3. Qual a sua estratégia para resolver o problema dos funcionários extraquadros?

Nossa estratégia será o diálogo com os envolvidos. Os extraquadros são um problema fruto da precarização das relações de trabalho. São trabalhadores não cobertos pelos direitos trabalhistas da CLT e que já estão nessa situação há muito tempo, alguns há quase 20 anos. As leis não preveem absorção deles. É um problema difícil que requer esforço conjunto para solução.

4. A UFRJ não aderiu à Ebserh. Qual a sua opinião sobre este modelo de gestão para os hospitais?

Acreditamos que melhorar a gestão em toda a UFRJ, não só nos hospitais, é fundamental. Isso envolve tecnologia, processos, estrutura organizacional, gestão do conhecimento, indicadores. Se a Ebserh é ou não capaz de prover essa melhoria, nos parece que há indícios positivos em outras universidades. Mas não é a única capaz de fazer isso, e não necessariamente a melhor. Esse é um assunto mal parado na UFRJ. O assunto tramitou, mas estagnou. Contratar a Ebserh pode até mesmo não ser uma opção: a empresa não é obrigada a aceitar fazer negócios com a UFRJ. Melhorar a gestão é fundamental, via Ebserh ou não.

infiltrações, curtos-circuitos, rachaduras, equipamentos quebrados, falta de insumos e de medicamentos.

Os estudantes aprendem desde cedo a improvisar e precisam lidar com a estrutura precária para aulas, sobretudo as práticas, realizadas nos leitos de enfermaria. A reduzida quantidade de pacientes internados não atende à demanda das turmas. Com capacidade de 550 leitos, atualmente apenas 280 estão ativos. O hospital abriga 1,5 mil estudantes de graduação e de pós-graduação e mais de 2,5 mil funcionários, entre profes-



CHAPA 10

REITORA: **DENISE PIRES DE CARVALHO**
Instituto de Biofísica

VICE-REITOR: **CARLOS FREDERICO LEÃO ROCHA**
Instituto de Economia

1. O Clementino Fraga Filho tinha 428 leitos em 2008; hoje, tem 280. Como avalia essa queda e o que vai fazer para ampliar o número?

Conheci o hospital em plena capacidade de funcionamento, pois estudei no HUCFF entre 1983 e 1987, durante o curso médico, portanto tenho uma ligação afetiva importante com o HUCFF. Nosso Hospital de Ensino carece de infraestrutura física e de pessoal em vários setores, o que tem impactado negativamente o ensino, a pesquisa e a assistência. Os cursos de graduação e de pós-graduação na área da saúde dependem das atividades acadêmicas exercidas no nosso "Hospital de Clínicas" que se encontra sucateado e subfinanciado. A reitoria da UFRJ deverá se empenhar juntamente com o Diretor do HUCFF na repactuação do nosso orçamento com o município. Novas fontes de financiamento precisam ser buscadas para que o HUCFF volte a ser a vanguarda da Medicina no Brasil.

2. Diante do reduzido número de leitos, como aperfeiçoar a formação acadêmica no hospital?

O número de leitos é certamente um gargalo que afeta negativamente a formação acadêmica. No entanto, o número de atendimentos ambulatoriais também precisa se manter ou mesmo aumentar, além das vagas no Centro de Terapia Intensiva (CTI). A redução dos leitos de CTI impacta no número e nos tipos de cirurgia que ocorrem no HUCFF. Assim, as prioridades devem ser conjuntas: obras e instalações para reabertura do CTI e de leitos nas enfermarias; centro cirúrgico em pleno funcionamento; anatomia patológica em pleno funcionamento e ambulatórios lotados.

3. Qual a sua estratégia para resolver o problema dos funcionários extraquadros?

A situação dos funcionários extraquadros é precária, não é específica do HUCFF e deve ser resolvida com sensibilidade. Há cerca de 700 extraquadros nos diferentes hospitais da UFRJ. O ideal seria fazer concurso. A chapa 10 se compromete a resolver essa questão de forma republicana, com transparência e acordos para a melhoria na gestão administrativa dos hospitais.

4. A UFRJ não aderiu à Ebserh. Qual a sua opinião sobre este modelo de gestão para os hospitais?

O modelo de empresa pública para gerir hospitais universitários se baseia no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). No entanto, há outros modelos de excelente gestão hospitalar independentes do modelo de empresa pública. Aqui na UFRJ, há exemplos muito bem sucedidos, como a Maternidade Escola, o Instituto de Puericultura Marta-gão Gesteira, o Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil e o Instituto de Ginecologia. São exemplos de estruturas hospitalares que atendem muito bem à formação integral dos profissionais da área da saúde.

sores e técnicos. A unidade realiza, ainda, 800 atendimentos diários no ambulatório.

Os profissionais extraquadros são uma necessidade e um problema: trabalhadores sem vínculo formal com a UFRJ, com salários achatados e sem direitos trabalhistas garantidos. As diversas limitações convivem com o esforço de manter o Clementino como um dos melhores hospitais do país e referência em alta complexidade, o que torna a gestão do próximo reitor da UFRJ mais desafiadora.



CHAPA 40

REITOR: **OSCAR ROSA MATTOS**
Coppe

VICE-REITORA: **MARIA FERNANDA QUINTELA**
Instituto de Biologia

1. O Clementino Fraga Filho tinha 428 leitos em 2008; hoje, tem 280. Como avalia essa queda e o que vai fazer para ampliar o número?

A queda no número de leitos vem ocorrendo de forma acentuada já antes de 2008. O governo Fernando Henrique Cardoso impediu concursos. As contrarreformas da previdência provocaram aposentadorias em massa. O Hospital Universitário Clementino Fraga Filho já teve quase mil leitos. Em 2014, havia apenas 264 ativos. De lá para cá, houve uma recuperação para 280 leitos, com contratação por concursos e redução de extraquadros. O crescimento dos leitos será possível com a recuperação do Centro de Terapia Intensiva (CTI), com uso de novas tecnologias, como PET Scan, e a abertura de enfermarias. Em um trabalho conjunto com a unidade, poderemos chegar em breve a 350 leitos.

2. Diante do reduzido número de leitos, como aperfeiçoar a formação acadêmica no hospital?

A qualidade da formação sempre é um desafio. As preceptorias, a residência médica, a residência multiprofissional, a exemplo da enfermagem, compõem o fundamento da excelência nesta área. A residência médica acaba de ser validada integralmente pela Comissão Nacional. Com o aumento do número de leitos e a incorporação de pessoal ao RJU, o ambiente de aprendizado será melhor. É preciso formar os formadores, fortalecer a divisão de ensino, desenvolver tecnologias para melhor o acesso à literatura científica. Urge também melhorar o alojamento dos residentes.

3. Qual a sua estratégia para resolver o problema dos funcionários extraquadros?

Trabalhando em harmonia com as equipes de direção dos hospitais sobre o dimensionamento de pessoal, promovendo melhorias de gestão para contratação de servidores RJU. Existe uma ação judicial que estabelece a contratação de pessoal. Nossa gestão estará afinada com esse objetivo. Daremos continuidade à melhoria das condições de trabalho e ao reconhecimento de cláusulas trabalhistas dos atuais extraquadros em harmonia com o TCU.

4. A UFRJ não aderiu à Ebserh. Qual a sua opinião sobre este modelo de gestão para os hospitais?

Pensamos que esse modelo seria negativo. A decisão do Consuni de não votar a contratualização respondeu aos interesses maiores da UFRJ. Não interditaríamos o debate, mas temos posição. Recentemente, o diretor da FM criticou a atual reitoria pela não adesão da UFRJ. Uma das chapas foi ativa na defesa da contratualização com a empresa ao longo dos últimos seis anos. É parte do debate. Atualmente, a referida empresa está em crise gravíssima. Existe um óbvio risco de sua privatização completa e, pior, está interferindo na escolha dos diretores do hospital. Acreditamos na capacidade dos atuais dirigentes dos hospitais de forjar uma nova cultura organizacional.



QUESTÃO DA DIRETORIA: O QUE FAZER PARA MELHORAR AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFESSORES QUE ATUAM NO HOSPITAL?

Além do que depende de mais dinheiro, constatamos diferenças nas condições de trabalho da graduação e da pós-graduação. A pós conta com acesso a Proap, Proex, fomento. Como reitoria, priorizaremos a melhoria nas condições de trabalho da graduação, visando balancear a importância do ensino de graduação em relação ao ensino de pós e à pesquisa no sistema de incentivo docente. A concentração de menos piores condições de trabalho cria mecanismos de perpetuação de poder e hierarquias tácitas que tutelam professores. Precisamos romper com essa lógica.

As condições de trabalho dos professores que atuam no hospital dependem de melhor infraestrutura física nos ambientes das enfermarias e ambulatórios, no serviço de métodos especiais e nos diferentes serviços clínicos e cirúrgicos. Atuaremos em conjunto com a direção dos hospitais para aumentar as verbas destinadas aos hospitais. Essas ações pretendem garantir a excelência dos programas de residência médica e do ensino de graduação na área da saúde e alavancar os programas de pós-graduação e as atividades de pesquisa clínica.

A profunda reestruturação das condições de trabalho é necessária, pois é preciso melhorar os auditórios, banheiros, gabinetes de trabalho, assegurando refrigeração e TI. Acreditamos que seria desejável um maior protagonismo dos docentes no cotidiano dos serviços das unidades hospitalares, conforme preconizam os ensinamentos do professor Carlos Chagas Filho e os demais mestres que compreenderam o sentido da formação teórico-prática de nossos estudantes da área da saúde e afins.

▶ ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

ELISA MONTEIRO

elisamonteiro@adufrrj.org.br

Ensino, pesquisa e extensão. As atividades-fim da universidade devem ser o assunto de maior empenho dos próximos dirigentes da UFRJ.

A Chapa 20, dos professores Roberto Bartholo e Felipe Cury, fala em estimular a modernização pedagógica dos currículos e das práticas em sala de aula

na graduação. Na pesquisa, quer discutir os indicadores de desempenho. Para a extensão, a proposta é descentralizar e reconhecer os projetos em curso.

Para a Chapa 10, dos professores Denise Pires de Carvalho e Carlos Frederico Leão Rocha, o principal desafio da graduação é reverter as atuais taxas de evasão e retenção. Na área da pesquisa, propõem um escritório técnico junto à PR-3 para administrar projetos e agilizar fomentos. A criação de um conselho nos moldes do CEG e CEPG é o caminho apontado

para aperfeiçoar a política de extensão.

Oscar Rosa Mattos e Maria Fernanda Quintela, da chapa 40, defendem um ensino integrado com disciplinas compartilhadas entre diferentes cursos de graduação e entre graduação e pós. Para a pesquisa, propõem editais internos, manutenção de unidades multiusuárias, bibliotecas, editais para professores visitantes e seniores e estímulo à divulgação científica. Sobre a extensão, a chapa reconhece ser necessário avançar na democratização das decisões a partir de um conselho próprio.



CHAPA 20

REITOR: **ROBERTO BARTHOLO**
Coppe

VICE-REITOR: **JOÃO FELIPE CURY MARINHO MATHIAS**
Instituto de Economia



CHAPA 10

REITORA: **DENISE PIRES DE CARVALHO**
Instituto de Biofísica

VICE-REITOR: **CARLOS FREDERICO LEÃO ROCHA**
Instituto de Economia



CHAPA 40

REITOR: **OSCAR ROSA MATTOS**
Coppe

VICE-REITORA: **MARIA FERNANDA QUINTELA**
Instituto de Biologia

1. Quais os principais problemas que a chapa enxerga no ensino da graduação e da pós-graduação?

As atividades de ensino são cada vez mais reféns de problemas orçamentários e de gestão, sobretudo as de graduação. Se destacar em ensino não agrega na reputação e nos recursos disponíveis na mesma proporção que a proeminência em pesquisa. Por isso, há um desbalanceamento de importância relativa dessa atividade, levando a desinteresse docente, práticas pedagógicas anacrônicas e perda de qualidade da atividade.

2- O que a chapa pretende mudar na política de ensino da UFRJ?

Vamos priorizar o fortalecimento das atividades de ensino, sobretudo de graduação. Entendemos que, no século XXI, o crucial é o aprendizado, sendo o ensino parte dele. Vamos estimular a modernização pedagógica dos currículos e das práticas em sala de aula, atualizando a UFRJ em esferas onde a universidade não está, como os cursos online em plataformas como Coursera (que oferece aulas em vídeos e opções de leitura obrigatória e extra, para melhor entendimento dos conteúdos repassados).

3 - Qual o principal problema que a chapa enxerga na área da pesquisa científica na universidade?

A universidade pública, a UFRJ em particular, tem a responsabilidade de contribuir para o desenvolvimento nacional e não de produzir estatísticas. Pesquisa é mais do que pesquisa científica e há mais em pesquisar do que atender a indicadores de desempenho. Devemos definir a pauta da pesquisa científica, tecnológica, artística e não apenas responder a indicadores impostos sobre nós.

4 - Qual proposta tem para a pesquisa? O que pretende mudar?

Queremos uma pesquisa que crie valor e valor pode ser criado de múltiplas maneiras: via artigos, livros, tecnologias, produtos, negócios. Privilegiar um tipo de produção em detrimento dos outros, em todos os campos do saber, não faz sentido. Precisamos discutir os indicadores de desempenho e facilitar a criação de valor em outras modalidades que hoje não são devidamente reconhecidas.

5 - Qual o principal problema que a chapa vê na política de Extensão da UFRJ?

Entendemos que a extensão não pode ser confinada a um entendimento estreito, que limita as ações que podem ser empreendidas nessa área. Diversas ações de extensão não têm recebido o devido reconhecimento institucional.

6 - O que a chapa pretende mudar na área de extensão?

Entendemos que a extensão tem que ser livre e a definição do que pode ou não ser enquadrado como extensão deve ficar descentralizada em cada unidade. Entendemos que a reitoria deve ter papel conector entre iniciativas e não regulador. Pretendemos fortalecer a extensão universitária conectando as iniciativas e aumentando a visibilidade das ações, pois elas impactam diretamente na imagem e no valor que a UFRJ agrega à sociedade.

1. Quais os principais problemas que a chapa enxerga no ensino da graduação e da pós-graduação?

Na graduação, as altas taxas de evasão e retenção em muitos cursos da UFRJ são o principal problema. Temos de atuar fortemente na questão da permanência dos alunos. Na pós-graduação, alguns cursos tiveram problemas na última avaliação da Capes. Além disso, temos sofrido com a redução dos recursos para a pesquisa e a defasagem nos valores das bolsas.

2- O que a chapa pretende mudar na política de ensino da UFRJ?

Pretendemos identificar as possíveis causas de altas taxas de evasão e retenção nos diferentes cursos e atuar para aumentar o número de concluintes, por intermédio de políticas específicas. Estimularemos a discussão de novas metodologias de ensino, incluindo o uso de plataformas digitais diversas. Também devem ser identificadas as causas de alguns programas não terem sido bem-sucedidos na avaliação da Capes. Uma possível solução é a formação de "casadinhos internos", em que programas 6 e 7 atuam em colaboração com programas 3 e 4 para melhorar a avaliação.

3 - Qual o principal problema que a chapa enxerga na área da pesquisa científica na universidade?

A infraestrutura dos laboratórios de pesquisa está sucateada, na maioria. O fomento destinado à pesquisa vem diminuindo progressivamente. Portanto, a redução no fomento e a infraestrutura inadequada podem diminuir a qualidade das atividades de pesquisa. A Universidade é excessivamente burocratizada na condução de recursos de financiamento e mantém elevada insegurança jurídica.

4 - Qual proposta tem para a pesquisa? O que pretende mudar?

Pretendemos discutir e regulamentar o Marco Legal de Ciência e Tecnologia no âmbito da UFRJ para aumentar a possibilidade de fomento. Proporemos a criação de um escritório técnico junto à PR-3 para administrar projetos de pesquisa e agilizar fomentos em agências nacionais e internacionais. Esse escritório servirá ainda para facilitar a importação de equipamentos e material de consumo. A adoção de práticas de compras centralizadas pode também reduzir o custo de vários insumos aos laboratórios.

5 - Qual o principal problema que a chapa vê na política de Extensão da UFRJ?

A política de Extensão da UFRJ tem sido centralizadora e burocrática. A definição de extensão é estreita e desagradada à comunidade universitária. Essa forma de condução tem desestimulado a prática de extensão e algumas pessoas que desenvolviam atividades de extensão desistiram de atuar. Essa situação é agravada em razão da necessidade de inclusão de 10% da carga horária em atividades de extensão nos currículos de graduação, o que gera grande insatisfação ao corpo discente.

6 - O que a chapa pretende mudar na área de extensão?

Proporemos a criação do Conselho de Extensão nos moldes do CEG e CEPG. A política de Extensão será mais republicana e o conceito será ampliado e discutido amplamente nesse Conselho. Buscaremos envolvimento de nosso corpo social. Pretendemos atuar de forma mais democrática e em diálogo permanente com a comunidade universitária.

1. Quais os principais problemas que a chapa enxerga no ensino da graduação e da pós-graduação?

O ensino precisa ser mais integrado na UFRJ, com disciplinas compartilhadas horizontalmente (entre diferentes cursos de graduação) e verticalmente (entre a graduação e a pós). Criar mais "áreas verdes" nos currículos é importante para integrar o ensino com a pesquisa e a extensão.

2- O que a chapa pretende mudar na política de ensino da UFRJ?

A questão das formas e práticas de ensino são muito particulares de cada área ou unidade acadêmica e isso precisa ser respeitado. Cabe à Reitoria fomentar e estimular o debate que possa aperfeiçoá-las. Nesse processo, ouvir os estudantes e fortalecer as Comissões de Acompanhamento e Orientação Acadêmica (COAAs) é fundamental.

3 - Qual o principal problema que a chapa enxerga na área da pesquisa científica na universidade?

Os grupos de pesquisa da UFRJ representam um patrimônio do país. No nosso entender, a falta de recursos financeiros e de reconhecimento são os principais problema da pesquisa científica, o que causa impactos preocupantes, em especial aos jovens docentes que estão estabelecendo seus laboratórios e núcleos na universidade.

4 - Qual proposta tem para a pesquisa? O que pretende mudar?

Queremos criar editais internos, manter ativas nossas unidades multiusuárias, bibliotecas e outros espaços de pesquisa. Buscar parcerias e manter os editais para professores visitantes e seniors podem ser formas de atravessar esse momento de baixo investimento. Queremos também estimular a divulgação científica.

5- Qual o principal problema que a chapa vê na política de Extensão da UFRJ?

Das atividades acadêmicas, a extensão foi a mais recentemente implementada, sendo a que carece de maior institucionalização e capilaridade. Avançamos muito ao longo das últimas gestões. A criação de um Conselho de Extensão com configuração similar ao Conselho de Ensino de Graduação (CEG) e Conselho de Ensino para Graduados (CEPG) é um passo necessário neste sentido.

6 - O que a chapa pretende mudar na área de Extensão?

Avançar na democratização das decisões, hoje ainda muito concentradas na figura do Pró-reitor. A Plenária de extensão, com assento de coordenadores de todas as unidades e centros, tem sido muito importante, mas é preciso criar o Conselho de Extensão. Vamos discutir e ouvir a comunidade, preservando o princípio da gratuidade.

QUESTÃO DA DIRETORIA: COMO AVALIA A SITUAÇÃO DO CANECÃO E COMO PRETENDE RESOLVER ESTA QUESTÃO?

A situação do Canecão é mais um exemplo do entrelaçamento entre problemas orçamentários e de gestão. Expõe a dificuldade que a UFRJ tem em superar barreiras que nos impedem em pensar e agir para criar valor para a sociedade. Pretendemos criar um parque artístico inspirado no parque tecnológico, que permita potencializar e dar vazão às atividades de ensino, pesquisa e extensão das unidades relacionadas na UFRJ, criando e capturando valor em parceria com a sociedade amplamente entendida, envolvendo pessoas e organizações públicas, privadas e do terceiro setor.

O Canecão não existe mais. Há apenas uma dívida da Universidade com a sociedade de prover um espaço cultural naquela área. Não podemos cometer os mesmos erros do passado. O ideal seria uma parceria com o setor privado para o funcionamento de uma casa de espetáculos. O projeto BNDES, iniciado pela atual reitoria, prevê a cessão de toda área entre o Instituto de Psiquiatria, a Neurologia e o Rio Sul. São 44 mil metros quadrados. Seria interessante que, no caso do espaço cultural, houvesse um formato contratual que permitisse o uso dessas instalações pela Universidade.

Queremos devolver à cidade do Rio de Janeiro um equipamento cultural aos moldes do Canecão. Por isso, daremos continuidade ao projeto da UFRJ desenvolvido em parceria com o BNDES. Por enquanto, sabemos que está prevista a construção e manutenção estrutural de uma série de equipamentos da universidade, durante todo o período de seção de uso. Entre eles, um espaço cultural multiuso, com gestão e governança da UFRJ, na Praia Vermelha, que também servirá de laboratório de extensão para todos os cursos na área cultural da universidade.

TIRE SUAS DÚVIDAS



O QUÊ?

O QUE É A PESQUISA ELEITORAL

A pesquisa eleitoral servirá para indicar os nomes que a comunidade acadêmica quer ver no comando da reitoria pelos próximos quatro anos.

O QUE É PRECISO PARA VOTAR

É necessário apresentar um dos seguintes documentos com foto:

- identidade
- carteira funcional
- caderneta escolar (para alunos do Colégio de Aplicação)
- carteira de estudante



POR QUÊ?

O resultado da pesquisa é usado como subsídio pelo Colégio Eleitoral da UFRJ para elaborar a lista tríplice a ser enviada ao presidente Jair Bolsonaro, que indicará o nome do próximo reitor. Por lei, o governo deve indicar o reitor a partir dos nomes enviados.



QUANDO?

QUANDO É A CONSULTA PARA A REITORIA

Docentes, alunos e corpo administrativo votam nestas terça-feira, quarta-feira e quinta-feira (dos dias 2 a 4 de abril).

Dois turnos estão previstos:

■ Primeiro turno

O resultado do primeiro turno está marcado para a **sexta-feira, 5 de abril**.

A apuração está prevista para começar às **9h**, na sala dos conselhos superiores da reitoria da UFRJ.

Caso uma das chapas obtenha mais votos ponderados que o somatório das duas outras – contando com votos brancos e nulos – a pesquisa será encerrada no primeiro turno.

■ Segundo turno

Caso ocorra, a campanha terá início na

segunda-feira, 8 de abril. A votação está prevista para os dias **15, 16 e 17 de abril**.

A divulgação dos resultados será em **18 de abril**.



ONDE?

ONDE VOTAR?

■ Os eleitores só poderão votar nas seções indicadas pela Comissão eleitoral, de acordo com local de estudo ou lotação

■ O voto em separado só será permitido para candidatos, integrantes da Comissão Coordenadora da Pesquisa e portadores de necessidades especiais

■ São **42 locais** de votação distribuídos nos campi do Fundão, Praia Vermelha, Macaé e Duque de Caxias e nas seguintes unidades: Museu Nacional (no horto), Maternidade-Escola, Hospital-Escola São Francisco de Assis, Escola de Enfermagem Anna Nery, Observatório do Valongo, Escola de Música, IFCS, Faculdade Nacional de Direito e Colégio de Aplicação.



QUEM?

CHAPAS

#Minerva_2.0

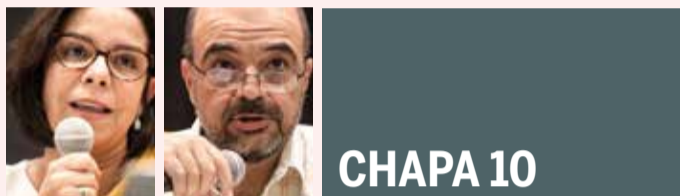


CHAPA 20

REITOR: **ROBERTO BARTHOLO**
Coppe

VICE-REITOR: **JOÃO FELIPE CURY MARINHO MATHIAS**
Instituto de Economia

A UFRJ vai ser diferente

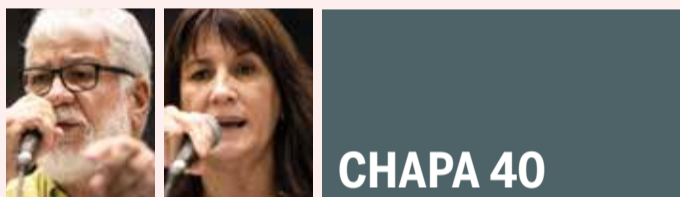


CHAPA 10

REITORA: **DENISE PIRES DE CARVALHO**
Instituto de Biofísica

VICE-REITOR: **CARLOS FREDERICO LEÃO ROCHA**
Instituto de Economia

Unidade e diversidade pela universidade pública e gratuita



CHAPA 40

REITOR: **OSCAR ROSA MATTOS**
Coppe

VICE-REITORA: **MARIA FERNANDA QUINTELA**
Instituto de Biologia

QUEM PODE VOTAR

- Professores efetivos em atividade
- Técnicos administrativos
- Estudantes da Graduação
- Estudantes da Pós-Graduação stricto sensu e lato sensu, com carga horária mínima de 360 horas
- Estudantes do Colégio de Aplicação a partir de 16 anos de idade
- Aposentados que sejam professores eméritos ou colaboradores voluntários e técnicos eméritos
- Docentes e servidores em férias, licença-prêmio ou licença para tratamento de saúde

NÃO PODEM VOTAR

- Professores substitutos e visitantes
- Estudantes de especializações e mestrados profissionais com carga inferior a 360 horas e alunos de pós-graduação com matrícula especial
- Docentes e técnicos afastados para assuntos particulares ou que estejam no exterior
- Estudantes no exterior

VÍNCULOS MÚLTIPLOS

Cada eleitor só poderá votar uma única vez.

Aqueles que possuem mais de uma matrícula na UFRJ terão o voto computado em um único segmento, da seguinte forma:

- Para docentes que também são técnicos ou estudantes, prevalece o vínculo de professor
- Para técnicos que são estudantes, prevalece o vínculo de técnico



COMO?

COMO É FEITO O CÁLCULO DOS VOTOS

■ A eleição é paritária. Cada categoria – professores, estudantes e técnicos – tem peso de **1/3**.

■ A fórmula de ponderação em cada categoria leva em conta o universo dos eleitores de cada categoria e o número de votos em cada chapa.

ENTENDA A PONDERAÇÃO DOS VOTOS

Os votos serão ponderados pela seguinte fórmula:

$$RV \text{ CHAPA} = \left[\frac{DO \text{ CHAPA}}{UDO} + \frac{TA \text{ CHAPA}}{UTA} + \frac{DI \text{ CHAPA}}{UDI} \right] \times \frac{1}{3} \times 100\%$$

RV CHAPA:

Resultado da votação ponderada de cada chapa;

DO CHAPA:

Votos dos docentes atribuídos a cada chapa;

UDO:

Universo de eleitores docentes;

TA CHAPA:

Votos dos técnico-administrativos em educação atribuídos a cada chapa;

UTA:

Universo de eleitores técnico-administrativos em educação;

DI CHAPA:

Votos dos discentes atribuídos a cada chapa;

UDI:

Universo de eleitores discentes.

Exemplo: suponhamos que o universo docente é de mil professores e que 400 tenham votado na chapa A. Consideremos também que o universo de técnicos é de três mil eleitores e que 900 deles escolheram a chapa A. Por fim, consideremos o universo de estudantes de 10 mil eleitores, tendo mil escolhido a chapa A.

Dessa forma, o cálculo do resultado de votação ponderada da chapa A irá considerar:

$$RV = \left[\frac{400}{1.000} + \frac{900}{3.000} + \frac{1.000}{10.000} \right] \times \frac{1}{3} \times 100\% \\ RV = [0,4 + 0,3 + 0,1] \times 0,333... \times 100\%$$



LOCAIS E HORÁRIOS DA VOTAÇÃO:

https://ufrj.br/sites/default/files/documentos/2019/03/secoes_de_pesquisa_2019-2023.pdf